O Popular

Magazine

Goiânia, 24 de agosto de 2014

DOMINGO

Patrimônio histórico

Moradores de antigas residências de Goiânia resistem em vender imóveis, preservando assim um patrimônio cada vez mais ameaçado na cidade

Fotos: Benedito Braga

Nancy Neo Almeida, na porta de sua casa, no Centro: "Quero passar minha velhice aqui"

MEU PEDAÇO DE CHÃO

Rogério Borges

Restam poucos, pouquíssimos. De acordo com levantamentos realizados pela Prefeitura de Goiânia, após exigência do Ministério Público para que o inventário fosse feito, e pelo escritório goiano do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) – em parceria com UFG, PUC Goiás e UEG –, eles somam cerca de 150 em toda a cidade *(ver infográfico nas páginas 4 e 5)*. Imóveis antigos da capital, que contam e testemunham sua história desde a fundação, passando por uma proficua fase modernista, que resistem ainda de pé. Por quanto tempo, ninguém sabe. "O ritmo de destruição deste patrimônio está muito acelerado, sobretudo nos últimos cinco anos", alerta a arquiteta Beatriz Otto de Santana, coordenadora técnica do Iphan.

A ausência de uma política pública de preservação desses tesouros e a inexistência, por exemplo, de um conselho municipal ligado à área jogam a responsabilidade da preservação totalmente nas mãos dos donos das casas e dos prédios. Muitos deles, porém, já idosos, não têm condições de se manterem nos locais.

Quando os antigos proprietários desses imóveis morrem, os herdeiros, tentados por propostas robustas de compra dos terrenos – geralmente muito bem localizados –, acabam se desfazendo do bem. E lá vai mais uma casa histórica para o chão, destruindo um novo bocado de nossa memória. "É um patrimônio único que está sendo perdido", afirma a também arquiteta do Iphan Dafne Marques, que está fazendo um doutorado pela USP cujo tema é a arquitetura modernista de Goiânia.

Alguns, entretanto, resistem, mesmo com toda sorte de dificuldades e pressões. O casal Pedro e Geralda Osório é um desses persistentes. "Cheguei a Goiânia vindo de Paracatu em 1935, casei-me com Geralda em 1939 e acabamos de construir esta casa em 1943. Casa que eu mesmo desenhei", afirma o pioneiro.

Ao todo, o casal, que completa 75 anos de união em outubro, soma 201 anos de idade – um século para ele, um século e um ano para ela. Habitam a mesma residência, na Alameda dos Buritis, em frente à Assembleia Legislativa, há mais de 70 anos. "Isso aqui era tudo aberto, não tinha nada. O Pedro Ludovico, padrinho do nosso casamento, passava aqui no quintal de casa, a pé, quando ia visitar uma de suas irmãs", recorda Pedro.

O casal Pedro e Geralda Osório: há 70 anos na mesma casa

ORATÓRIO FAMILIAR

No tempo que imóveis ainda eram comprados com contos de réis, este casal escolheu o lugar onde passaria a vida e dele não pretende sair. "Eu aqui me sinto como numa igreja. Esta casa é o oratório de nossa família, onde cuidei dos meus filhos, dos meus netos, minhas pedras preciosas", diz Geralda.

Morando em um lote com mil metros quadrados em uma das regiões mais nobres da capital, é claro que eles receberam propostas de compra da casa. "Enjeitei várias delas. Não vendi antes, não vendo agora", avisa Pedro. Ao lado da casa, seis grandes torres foram erguidas. A antiga residência está ali, espremida pelo progresso, mas preservando suas histórias. "Isso aqui era um brejo", conta o proprietário, apontando para o Bosque dos Buritis. "Tinha sapo, cobra."

Veja vídeo no QR Code ao lado ou no site do jornal: www.opopular.com.br

"Sempre vivi aqui"

A professora de Educação Física aposentada Nancy Neo de Almeida pede desculpas por uma bagunça que não existe e nos convida a entrar. Na sala, um tradicional piso de tacos, desses que não se encontram mais com tanta facilidade. Paredes de grossa largura, móveis de antiga marcenaria, portas e grades em janelas feitas muitas décadas atrás.

A casa da Rua 8, entre as ruas 4 e 5, no Centro, é praticamente a única de seu tempo que restou nas proximidades. "Aqui havia muitas, mas quase todas foram demolidas. A gente conhecia todos os vizinhos, hoje não conheço ninguém", lamenta a moradora. "Não sei o que é mudança de casa. Sempre vivi aqui." E se depender de sua vontade, continuará a fazer isso.

"Esta casa foi construída pelos meus pais. Vim para cá ainda bebê, passei minha infância, minha juventude, minha vida adulta aqui. E quero passar minha velhice aqui também. Eu gosto deste espaço." Nancy conta que sempre ouve, até mesmo dos irmãos, que deveria se mudar. Sem filhos, ela hoje hospeda uma sobrinha que veio estudar em Goiânia e os amigos que passam alguns dias na cidade.

"Meus pais já haviam recebido propostas pela casa. Uma vez meu pai chegou a fechar negócio para trocá-la por um apartamento, mas minha mãe não aceitou e ele desfez a transação." Vizinha de altos edifícios, certa vez ela foi procurada por um morador de um deles para adquirir o imóvel. "Ele queria ampliar o estacionamento do prédio. Derrubar tudo isso para fazer estacionamento?"

É o que tem acontecido com frequência na região central, mas Nancy não quer que a casa que a viu crescer tenha o mesmo destino. Grandes salas e quartos, banheiros amplos, cozinha confortável e um quintal enorme nos fundos. Ela não conseguiria viver sem tanto espaço. "Eu me lembro de brincar neste quintal. Meu pai instalava balanços. Tinha muitas árvores frutíferas."

Ali ainda tem uma velha goiabeira, toda cheia de brocas e com galhos cortados, mas que, a exemplo da casa, insiste em não desaparecer. "E ela dá muita goiaba e goiaba boa", garante a dona. Nem mesmo quando seus pais morreram, em um intervalo de aproximadamente um ano, ela pensou em mudar de ares. "Fiquei muito deprimida, mas não com a casa. Não a vendo jamais."

FLORES

Nancy ainda cultiva flores e outras plantas no quintal, como sua mãe fazia, mas admite que não é tarefa fácil cuidar de tudo sozinha. Trabalho com o imóvel e com os vizinhos. Objetos lançados de prédios são o principal transtorno. Mas uma vez algo mais grave aconteceu.

"Um homem caiu lá de cima em nosso quintal. Ele deu muita sorte de não morrer porque caiu sobre as telhas da dispensa e no cômodo havia um colchão, mas ficou bastante ferido." Histórias de quem habita um lugar que nunca deixou de se transformar ao longo das décadas. "Gosto muito de morar no Centro, mas isso aqui mudou muito e para pior", reconhece. Para ela, o poder público não dá a devida atenção à região que guarda boa parte da memória de Goiânia. Nancy, pelo menos, faz sua parte.

LEIA MAIS NAS PÁGINAS 4 E 5

PROJETO PRESERVADO

A planta da casa do casal Benedito Odilon Rocha e Ana Vale Rocha, localizada na Rua 72, Centro, foi desenhada em 1951 (*ao alto*). A obra terminou no ano seguinte e o imóvel, preservado em suas principais características há mais de 60 anos, uma família com nove filhos foi criada. A fachada (*acima*), com alpendre, pedras de ornatos e uma jardineira embaixo da janela de madeira frontal, continua praticamente intacta. Portais com detalhes, amplo corredor em cujo final está um oratório e o quintal generoso nos fundos tem também testemunham o cuidado dos filhos do casal na preservação da casa. "A casa é muito importante para todos nós. É parte da memória da cidade que ela representa", diz Eduardo Rocha, um dos filhos. No local, hoje, mora sua irmã, Maria das Graças. "Não não queremos nos desfazer da casa porque ela nos lembra nossos pais. E é aqui que toda a família ainda se reúne, principalmente nos domingos. É um ponto de união entre todos nós", justifica ela, que admite ter bastante trabalho para manter a construção. "Mas todos ajudam de alguma maneira e vale a pena." Mais detalhes sobre este e outro imóvel histórico de Goiânia estão na página inicial do POPULAR na Internet, no endereço www.opopular.com.br

O QUE RESTOU

A corrida por terrenos bem localizados para novos empreendimentos e o desejo de se desfazer de imóveis antigos, que não são alugados ou ocupados por seus donos, têm resultado em séria ameaça para o patrimônio arquitetônico de Goiânia. A região que desperta maior preocupação é o Centro, onde estão localizadas as casas mais antigas da capital ainda de pé. "O crescimento imobiliário de Goiânia se voltou para o Centro da maneira muito forte e é nesta região que está a maior parte dos imóveis sob risco", pontua Beatriz Otto, coordenadora técnica do Iphan em Goiás. "Há um desgaste do Centro e poucos investimentos na região. Isso faz com que haja mais intervenções sem o necessário cuidado e sem muita qualidade", alega Dafne Marques, arquiteta do Iphan.

"Nos os levantamentos têm como objetivo fomentar dados para que isso seja feito", diz Beatriz. "E isso precisa acontecer rapidamente. Estamos monitorando e alertando sobre essa destruição há muito tempo, mas ela ocorre num ritmo mais lento. Agora não. Ações para evitá-la tornaram-se urgentes." Isso já acontecesse quanto a parte do patrimônio artístico, sobretudo o de prédios públicos, em Goiânia, foi tombado. Ao todo, 22 deles estão resguardados por lei, já as propriedades privadas que guardam essas riquezas ainda não contam com os mesmos dispositivos de proteção. Uma delas é a casa na Rua 74, em frente ao demolido Estádio Olímpico, e outra próxima à Alameda dos Buritis, ambas à venda, ilustram a situação. Não há garantia alguma que elas ficarão de pé por muito tempo.